

Realidades em disputa: a proposição da prática alimentar da multimistura

Ivan da Costa Marques*

Resumo A história da proposição da prática alimentar da multimistura está fortemente marcada pelo seu (des)encontro com os conhecimentos científicos, especialmente com os conhecimentos científicos sobre a nutrição. O embate entre os nutricionistas e os defensores da multimistura vem sendo travado principalmente a partir do começo da década de 1990, quando a multimistura chegou a adquirir os contornos de um programa governamental para a alimentação infantil no Brasil. Ofereço três histórias desse (des)encontro. Cada uma dessas histórias habita o universo sócio-político-econômico-cognitivo da nutrição infantil com entidades que se apresentam como de naturezas diferentes em disputa pela realidade da alimentação infantil no Brasil.

Palavras-chaves multimistura, ciência, política, nutrição, história.

Realities in dispute: a proposition of "multimixture" nutrition practices

Abstract The history of the proposition of multimixture as a practice of nourishment is marked by its confrontation with scientific knowledge, especially about nutrition. Since the beginning of the 1990s, when multimixture was about to configure a governmental program to fight malnutrition among poor children, fierce disputes have arisen between nutritionists and supporters of the use of multimixture. I tell three stories about these disputes. Each of these three stories inhabits the cognitive-economic-political-social universe of infant nutrition with entities that present themselves as of different natures disputing reality in infant nutrition in Brazil.

Keywords multimistura, science, policy, nutrition, history.

Introdução

A partir da década de 1970 uma mistura composta por partes usualmente não consumidas de alimentos (folhas, cascas e farelos), denominada multimistura, foi adotada, inicialmente em

* Professor associado do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Endereço postal: Avenida Atlântica 822 / 402, Leme, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, CEP. 22010-000, telefone (21) 2543-0668 e e-mail imarques@ufrj.br

escala reduzida, como suplemento alimentar no combate à desnutrição infantil. Durante a década de 1980 a escala do uso da multimistura ampliou-se e alcançou dimensão nacional, tendo seus receituários financiados pela Fundação Banco do Brasil e sendo institucionalmente adotada pela Pastoral da Criança. Mas a partir de 1990 intensificaram-se disputas e formaram-se controvérsias envolvendo as qualidades nutricionais da multimistura e os benefícios decorrentes de sua adoção. Entraram em cena as construções dos fatos sobre as condições higiênico-sanitárias e o valor nutricional da multimistura, assim como sobre de que maneira e com que efeitos estão presentes ali compostos considerados anti-nutrientes e toxigênicos. Contra crenças populares e/ou afirmações imprecisas lançaram-se resultados obtidos em condições (alegadamente) controladas e reproduzíveis em laboratórios que estabelecem “verdades confiáveis” ou “fatos e não meras ficções.” Tomando o período que vai até 2007, este ensaio procura mostrar como o conhecimento científico é mobilizado para definir como “a realidade” uma versão de realidade aprisionada em seus paradigmas e como as pessoas encontram suas linhas de fuga.

Inscrições historiográficas

Nesta sessão extraí frases exatas de relatórios científicos, artigos de divulgação, manifestos, matérias na mídia de grande circulação, entrevistas publicadas, em suma, de material publicado sobre a multimistura. Faço uma analogia entre estas frases extraídas do que chamaria de uma historiografia geral da multimistura e as marcas ou inscrições obtidas em instrumentos de laboratório. A intenção é reforçar a noção de que, para quem faz história, os textos historiográficos são comparáveis e podem ser tratados da mesma maneira que os cientistas naturais tratam as inscrições captadas nos instrumentos de laboratório. Assim como na pesquisa em física ou em biologia as inscrições são o resultado do encontro de entidades naturais ainda sem forma¹ com os instrumentos de medida, os textos historiográficos resultam do encontro de uma história ainda sem forma com um instrumento também em transformação, o historiador que o escreveu. Daí o subtítulo “inscrições historiográficas”²:

Em meados da década de 70 a pediatra Clara Brandão observou uma redução drástica de diarreia em crianças subnutridas em 13 creches em Santarém, no Pará, após experimentar, durante três dias, um suplemento alimentar obtido de farelos e folhas escuras e também outros ingredientes como sementes e pó de casca de ovo (SHRIMPSON, 1984 apud VELHO & VELHO, 2002). Entrevistando a população local para ter mais conhecimento de suas tradições alimentares, ela passou a buscar na produção local "alimentos alternativos" que tivessem alto valor nutritivo, embora não fossem mais costumeiramente consumidos pela população³. A partir de então Clara Brandão começou a militar pela disseminação da utilização da multimistura, como veio a ser chamado o produto obtido destes alimentos alternativos (BEAUSSET, 1992 apud VELHO & VELHO, 2002). Junto com seu marido, Dr. Rubens Brandão, também médico, fundou a Sociedade de Estudos e Aproveitamento dos Recursos da Amazônia (Seara), voltada para a busca de soluções para o problema da desnutrição na primeira infância (BRANDÃO & BRANDÃO, 1996 apud VELHO & VELHO, 2002). O movimento ganhou escala. Em 1983, Clara Brandão foi premiada no XXIII Congresso Brasileiro de Pediatria e o programa da Seara

¹ As entidades que habitam o mundo da ciência adquirem forma provisional no fechamento das controvérsias, não antes disso. (LATOURETTE, 1998)

² Omiti as aspas em cada frase por comodidade de leitura. A referência à fonte de cada frase está na nota indicada ao final de cada frase.

³ Segundo relato de BRANDÃO & BRANDÃO, 1996 apud VELHO & VELHO, 2002.

foi reconhecido pela Sociedade de Pediatria da Bahia e pela Sociedade Brasileira de Pediatria (BRANDÃO,1983). Em 1984 um consultor designado pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) para avaliar o valor nutricional da multimistura apresentou um relatório favorável (SHRIMPTON, 1984 apud VELHO & VELHO, 2002). Em suas ações na área de assistência básica, a Pastoral da Criança da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) começou a divulgar e deu escala nacional à prática de utilização da multimistura⁴. Em 1989, a visibilidade da proposta da multimistura aumentou ainda mais com a transferência de Clara Brandão e seu marido, Dr. Rubens Brandão, para o Ministério da Saúde em Brasília (VIZEU; FEIJÓ, CAMPOS, 2005). Em 1990 o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) elaborou um parecer apontando diversos erros técnicos e conceituais em um folheto de autoria de Clara Brandão, afirmando que as informações ali contidas deveriam ser comprovadas por pesquisas científicas e solicitando ao ministro da Saúde que fosse “sustada a divulgação do folheto ‘Alimentação alternativa’ para as indispensáveis correções” (CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS, 1996). Mas em 1992 o potencial de utilização da multimistura na recuperação e manutenção do estado nutricional de crianças e gestantes foi reconhecido pelo o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), embora ressaltando a necessidade de avaliações mais criteriosas (INSTITUTO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO, 1995). Clara Brandão participou de um grupo de trabalho de profissionais, coordenado pelo presidente do INAN, criado em 1994, para examinar a questão da inclusão da multimistura nos programas do Ministério da Saúde. Em 1995 ela coordenou o Programa de Orientação Alimentar para a Saúde, implantado no INAN. Mas em 1994 os médicos Jaime Amaya-Farfán e Hilda Torin criaram o informe técnico (IT) deflagrando uma campanha desqualificando a multimistura, alertando para os perigos da utilização de uma dieta composta de elementos cuja eficiência era questionada pelos resultados das pesquisas por eles realizadas (TORIN; DOMENE; FÁRFAN, 1994). Em julho de 2000 o Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade definiu a multimistura como o produto obtido através da secagem, torragem, moagem e mistura de ingredientes de origem vegetal, sendo obrigatória a presença de farelos torrados em quantidade mínima de 70% (g/100g) e pó de folhas verde-escuras, podendo ser adicionados leite em pó e outros ingredientes (BRASIL, 2000). Do começo da década de 1990 a 2002, e continuando até hoje (2008), foram feitos muitos estudos por especialistas que, na sua maioria, afirmam que a multimistura não tem os efeitos benéficos, pelo menos não no grau anunciado, quando incorporada à dieta das crianças (VELHO & VELHO, 2002). Estes estudos concluem que, por comparação com outras crianças em grupos de controle que não recebiam a multimistura, e também, analisando seus ingredientes ou através de experiências com animais, a multimistura não detém as qualidades nutricionais, alimentares e até sanitárias que necessariamente estariam presentes em um composto alimentar capaz de ter os efeitos alegados por Clara Brandão (BOAVENTURA, 2003; GLÓRIA, 2004). Mas em dezembro de 2002 a multimistura “destinada à Secretaria Estadual de Ação Social e Prefeituras Municipais, do Estado do Tocantins, em aquisição direta, para o programa de doação a pessoas carentes”⁵, fica isenta do pagamento de ICMS. Em 2006, Zilda Arns Neuman, coordenadora da Pastoral da Criança, recebe “o Prêmio Opus (Opus Prize Foundation e Universidade Católica de Notre Dame, de Indiana-EUA), que concede o valor de US\$ 1 milhão para pessoas ou organizações que unem empreendedorismo e fé nas suas ações e que são comprometidas com a transformação profunda de problemas sociais

⁴ A Pastoral da Criança, em 1985, iniciou o trabalho de “Alimentação Alternativa”. Já na introdução do livro Alimentação Alternativa, publicado em 1988, a Dr^a Clara Takaki Brandão estabelecia que “somente através de uma combinação, a mais diversificada possível – a Multimistura – se conseguia aproveitar toda a potencialidade nutritiva dos alimentos”. BRANDAO, 1988.

⁵ Cláusula primeira do Conselho Nacional de Política Fazendária - CONFAZ, na sua 108^a reunião ordinária, realizada em Natal, RN, no dia 13 de dezembro de 2002.

como injustiça, pobreza, fome, analfabetismo e doenças.⁶” A Pastoral da Criança deixa de liberar o uso de seu CNPJ para abertura de fábricas de multimistura tanto pelo resultado da pesquisa quanto pela necessidade de o trabalho ser realizado pelos líderes na comunidade. “A farinha multimistura, assim como qualquer outro alimento, quando produzida para ser consumida em maior escala, fora de casa ou da comunidade, precisa seguir padrões exigidos pelas agências sanitárias.” Em outubro de 2006, Clara Brandão declara que “já me avisaram que agora eu estou clandestina dentro do governo.”. Em junho de 2008, o programa AABB Comunidade da Fundação Banco do Brasil inaugura uma fábrica de multimistura em Bom Conselho, PE. Participam do programa AABB Comunidade 392 municípios, o que inclui mais de 50.000 crianças e jovens de 7 a 18 anos incompletos e quase 4.000 educadores (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, 2008). Clara Brandão declara que, no governo, a multimistura começou a ser excluída da merenda escolar para abrir espaço para o Mucilon, da Nestlé, e a farinha láctea, cujo mercado é dividido entre a Nestlé e a Procter & Gamble (Figura1). “É uma política genocida substituir a multimistura pela comida industrializada”, ataca a pediatria (ISTO É, 2007). A coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, reconhece que a multimistura foi importante para diminuir os índices de desnutrição infantil: “A multimistura ajudou muito, mas só ela não é capaz de dizimar a anemia; também se deve dar importância ao aleitamento materno.” O Ministério da Saúde em 2007 declara que “a multimistura, um composto de farelos e outros ingredientes, nunca foi adotada como estratégia nacional para o tratamento da desnutrição infantil. O Ministério da Saúde também não compra nem distribui alimentos à população. Assim, não têm fundamento as notícias de que a pasta teria substituído a multimistura por alimentos industrializados” (BRASIL, 2008).

Histórias

A partir das inscrições historiográficas acima apresento duas histórias, e depois uma terceira, que ressaltam três diferentes versões de realidade em disputa ao redor da questão da nutrição no Brasil.

Primeira história

Na sua primeira fase, no Pará, de 1974 até o fim da década, a proposta de Clara Brandão foi “espontaneamente” aceita em creches e escolas pobres de um número cada vez maior de municípios brasileiros. Clara Brandão contou com o voluntariado da Legião Brasileira de Assistência. Depois, em 1983, a adoção também quase “espontânea” de sua proposta pela Pastoral da Criança levou a multimistura a milhares de comunidades. A partir daí, sendo ainda “espontaneamente” adotada pela Fundação Banco do Brasil, a proposição da multimistura chega em 1990 a ser considerada para inclusão em um programa de governo visando resolver o problema da desnutrição infantil no Brasil, espalhando-se também para outros países.

⁶ Portal Agência Brasil. Publicação do dia: 23/04/2007. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/04/23/materia.2007-04-23.9418914205/view>. Acesso: set/2008.

Ao atingir esta dimensão nacional, no entanto, os cientistas entram em cena. Estes novos atores detêm o saber disciplinar moderno, científico, sobre os materiais quanto às suas características nutricionais e suas participações nos processos de nutrição dos organismos. Eles são os que são capazes de submeter a multimistura ao “teste de realidade” e têm início as controvérsias sobre a adoção da mistura. Para ter sua adoção legitimada pela ciência moderna, a multimistura precisa, em sua constituição físico-química, conter certos elementos (átomos e moléculas de nutrientes em condições de absorção) e não conter outros (anti-nutrientes). Grupos acadêmicos analisam a composição da multimistura e concluem que a multimistura não pode ter os efeitos com que é anunciada. Não tendo sido contestada substancialmente por outros cientistas em laboratórios, esta conclusão é um fato científico. A multimistura não passa no “teste de realidade”, e sua capacidade nutricional é ficção e não é fato. A partir daí, a capacidade de Clara Brandão angariar apoio cai drasticamente. Ela perde aliados e a multimistura como um programa de governo não é mais viável.

Nesta história não há relativismo quanto às verdades estabelecidas nos laboratórios sobre as capacidades da multimistura. A “espontaneidade” inicial pode ser facilmente explicada como resultado da intervenção de Clara Brandão acompanhada de um ou mais atores “interessados.” Em oposição a eles, alinham-se os grupos acadêmicos, atores “desinteressados” ou “interessados somente na descoberta da verdade” que trabalham tendo a Natureza como árbitro em seus laboratórios. Nesta história, Clara Brandão e os atores não cientistas “interessados” trabalham em um campo ignorante ou vazio de conhecimento científico sobre nutrição e aumentam suas escalas de influência enredando elementos subjetivos e emocionais, presentes na Sociedade (fatores sociais). Como evidência disto não bastaria a mobilização de sentimentos de solidariedade obtidos pela uso de fotografias como a Figura 1?



Figura 1. Reportagem publicada pela Revista Veja

Fonte: Revista Veja, ed. 1.486, ano 29, p. 44 em 30/10/96.

Nesta primeira história, qualquer insistência no uso da multimistura em programas alimentares só pode ser entendida como credice, ato de irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia, ou seja, erros ou fenômenos de um mundo social completamente separado das verdades purificadas estabelecidas nos laboratórios. Esta história assume plenamente e pratica sem problematizar uma assimetria entre o que é conhecimento científico e o que é tradição, cultura ou crença (popular). Para historiadores da ciência que fazem este tipo de história, pode haver espaços “sociais” desconhecidos, a serem estudados, mas não cabem relativismos no

espaço da realidade que a ciência descobre. É pouco provável que eles se interessem por fazer uma história da multimistura porque para eles, do ponto de vista da história da ciência e da tecnologia, a história da multimistura não é muito interessante por ser demasiadamente simples – afinal é corriqueiro observar-se situações em que um equívoco ou mesmo uma fraude se desenvolve e atinge grandes dimensões.

Segunda história

Uma segunda história abre espaço para relativismos ao fazer exigências de simetria. Ela ressalta inicialmente que Clara Brandão é médica e nutricionista. Ela é mais do que um “simples” ator “interessado”. Ela consultou a composição físico-química da mistura e verificou que sais e vitaminas estavam ali presentes, apoiando-se em análises consagradas que indicam, por exemplo, que a casca da abóbora é muito mais rica em nutrientes do que polpa. Se ela parece não lograr justapor elementos suficientemente fortes para rebater os argumentos da presença de anti-nutrientes no campo da bioquímica nutricional, ela exhibe a pesagem de crianças e doentes que, ela reivindica, efetivamente tiveram seus pesos aumentados após a adoção da multimistura em sua alimentação.



Figura 2: Pesagem mensal das crianças pelas voluntárias da Pastoral da Criança⁷

Fonte: Pastoral da Criança da Paraíba.

A comunidade de nutricionistas desconsidera estas experiências alegando falta de rigor nos protocolos. Da mesma forma a comunidade argumenta que o tipo de acompanhamento que leva a resultados tais como os exemplificados nos Quadros I e II abaixo carecem de rigor científico e os descarta.

⁷ Disponível em: <http://www.fazendatamandua.com.br/jt-nov04.htm>. Acesso em julho de 2009.

Quadro I

Grupo Fraternal Estrela do Oriente – apoio aos portadores de hanseníase do DF

ENCONTRO DE 26 DE NOVEMBRO DE 2006 - HUB

DEPOIMENTO DOS ASSISTIDOS QUE CONSUMIRAM DURANTE UM MÊS A MULTIMISTURA

(UMA COLHER DE SOPA RASA POR DIA):

1) Ana Rita Leitão. Sintomas anteriores: dores nas juntas, vertigens e intestino preso. Resultados: apresentou melhoras e emagreceu 3,5 kg (num total de 5 kg, considerando-se a perda de peso do mês de outubro).

2) Anísia Ramos. Sintomas anteriores: dores e câimbras nas costelas, muita sede. Resultados: apresentou melhoras em todos os sintomas.

3) Erisvalda Souza Macedo. Sintomas anteriores: insônia, dores nas juntas e dores nas pernas. Resultados: está dormindo melhor e emagreceu 4,5 kg (num total de 6 kg, considerando-se a perda de peso do mês de outubro), melhorou das dores.

4) Francinaldo de Oliveira Claudino. Sintomas anteriores: dores nas pernas e gases. Resultados: melhorou das dores e o intestino está mais regulado.

... seguem 9 depoimentos semelhantes ...

14) Severino Fernandes da Silva. Sintomas anteriores: falta de apetite, insônia, e dormência nas pernas. Resultados: está comendo e dormindo melhor, a dormência diminuiu.

Quadro II

Acompanhamento do uso da multimistura junto às pessoas que freqüentam a Terapia Comunitária do Centro de Saúde no. 1 do Paranoá.

(quintas das 14:45 às 17h)

23.08.2007 - 1ª. Distribuição de 21 pacotes para 13 mulheres e 1 homem, envolvendo 73 pessoas. (entregue 10 exemplares de receitas usando a multimistura).

30.08.2007 - Depoimentos de 6 pessoas (6 faltaram e 2 não trouxeram retorno)

- Criança de 5 anos com baixo peso e depressão passou a se alimentar e passou de 17,4kg para 18,2 kg. Mãe diminuiu o consumo de doces. Avó passou a comer nas refeições; melhora na prisão de ventre.

- 2 pessoas ainda não observaram alteração.

- abriu apetite, está mais disposta.

- abriu apetite, nariz parou de correr e parou a tosse.

- menino está engordando.

Distribuição para 19 pessoas de 27 pacotes de multimistura, envolvendo 101 pessoas.

Computada as duas distribuições, 129 pessoas foram envolvidas no consumo da Multimistura.

06.09.2007 - Depoimentos de 11 pessoas (13 faltaram), (entregue 10 exemplares de receitas usando a multimistura, receita de doce de banana com a casca, bolo, pão e fermento).

- Diminuiu inchaço, mãe teve melhora nas dores na perna, melhorou alergia na pele da filha e outra filha (que tem depressão) não está mais chorosa.

- Filho que está desnutrido está se sentindo mais forte e menos sonolento.

- Menina de 6 meses que tinha coxa magrinha engordou.

- Vó comia pouco e tem diabete melhorou apetite. Menino 13 anos com peso baixo engordou.

- Pessoa que tinha dificuldade de dormir está tendo sono.

- Está dormindo melhor e as filhas estão comendo melhor.

- intestino de todos está funcionando melhor.

- continua com apetite melhor e disposta.

- mais disposta, menos deprimida. Marido mais disposto.

- comendo bem, pele boa, passou dor na perna e diarreia após o almoço de criança de 7 anos.

- neto pequeno engordou 1 1/2kg e está dormindo melhor. A filha melhorou o estômago e regularizou o intestino.

Distribuição para 11 pessoas de 13 pacotes de multimistura, envolvendo 56 pessoas.

Computada as três distribuições, 156 pessoas foram envolvidas no consumo da Multimistura.

13.09.2007 - Depoimentos de 8 pessoas (21 faltaram)

- Marido tinha pigarro e coriza e passou. Sentia secreção nasal e passou e diminuiu barriga, o intestino está funcionando todos os dias.

- Menino estava com pneumonia e sarou.

- idem semana anterior (Vó comia pouco e tem diabete melhorou apetite. Menino 13 anos com peso baixo engordou).

- Mãe não comia e está agora com bom apetite.

- Se alimenta melhor com a Multimistura e não sente tanta fome. Passou dores nas pernas.

- 2 crianças estavam tossindo e cessou a tosse.

- idem semana anterior (Está dormindo melhor e as filhas estão comendo melhor).

- idem semana anterior (mais disposta, menos deprimida. Marido mais disposto).

- Menino de 1 ano e 4 meses está pegando peso.

- Neto desnutrido com baixo peso está engordando. Netas passaram a ter apetite melhor (eram magrinhas).

... seguem relatórios semelhantes referentes a 20/09, 27/09, 04/10 e 11/10/2007 ...

08.11.2007 - Depoimentos de 4 pessoas

- Intestino antes 7/7d agora 4/4d. Sente menos fome.

- Está mais forte, engordando, abriu apetite. Meninas estão com apetite, ganhando peso, pele limpa.
- Dor de barriga, fraca das pernas e diarreia – tudo melhorou.
- Barriga diminuiu e filha melhorou manchas no rosto.

Neste último dia, compareceu uma mãe com o filho de 2 anos e 3 meses, pesando 6,3kg e com 71cm, com sonda devido a desnutrição. (Segundo o livro do Dr. De Lamare – para 2 anos e 6 meses, menino – peso mínimo 11,4kg e altura 86,5cm). A mesma mãe tem outro filho de 4 anos com 10kg (Dr. De Lamare – peso mínimo 13,65kg). Ela levou os 9 pacotes de Multimistura restantes para ela e os 2 filhos para 3 meses (em sua casa moram mais 7 pessoas).

Em sua grande maioria os estudos dos nutricionistas, levados a cabo com protocolos mais rigorosos, não confirmam os resultados anunciados por Clara Brandão. Por outro lado, no entanto, ela também denuncia imperfeições nos protocolos de pelo menos algumas experiências conduzidas por pesquisadores universitários da área de nutrição.⁸ Mas ao final das contas, a capacidade de Clara Brandão de problematizar e criar controvérsias no próprio conteúdo dos resultados das experiências conduzidas pelos cientistas nutricionistas é limitada. Ela simplesmente não dispõe nem conseguiu que lhe fossem disponibilizados os recursos contra-laboratoriais⁹ para ter sucesso na criação de controvérsias conseqüentes que pusessem em discussão os próprios resultados dos laboratórios dos nutricionistas.

Mas as controvérsias possíveis que Clara Brandão tem ou não tem recursos para configurar não são o ponto mais relevante da segunda história. O que é bem mais relevante é a exigência de simetria: se, por um lado, o problema da desnutrição, ou da fome, especialmente em crianças, tem alto potencial de mobilizar ações solidárias e Clara Brandão ousou, sim, passar bem além dos limites da zona purificada restrita e supostamente isolada do laboratório para aumentar a escala da sua proposição da multimistura, por outro lado, o estabelecimento de verdades científicas sobre a multimistura pelos grupos acadêmicos em torno às questões alimentares e nutricionais não é um processo puro e isolado, desprovido de interesses. A possibilidade de a multimistura ser adotada na merenda escolar em programa de âmbito nacional, envolvendo anualmente bilhões de reais, coloca a multimistura em uma arena onde estão outros atores, já desde muito antes bem estabelecidos no mercado de alimentos no Brasil. Estes atores não deixam de ter relações com os grupos acadêmicos, relações muitas vezes muito incentivadas pelo governo através dos esquemas de financiamento à pesquisa. A Pastoral da Criança estabeleceu um convênio com grandes empresas no setor de alimentos na mesma ocasião em que abandonou o uso da multimistura e sua coordenadora, Zilda Arns, foi agraciada com um prêmio internacional de um milhão de dólares. Os grupos acadêmicos de nutricionistas profissionais envolvidos são em grande parte oriundos das regiões sul e sudeste do Brasil, regiões mais ricas onde o paradigma que faz a equivalência entre conhecimento científico e conhecimento confiável está mais sólida e amplamente instalado em oposição às chamadas crendices. Os nutricionistas, como grupo profissional, talvez tenham especial interesse em demarcar seus territórios, em possível conflito com o grupo profissional muito mais poderoso dos médicos.

⁸ “Não foi feito um acompanhamento individualizado de cada criança, e se a criança não comeu o feijão? E se ficou em casa?” – questionando o resultado de pesquisa que não confirmou as propriedades da multimistura (entrevista a Lucimeri Ricas Dias e ao autor, em Brasília, 9 de março de 2009)

⁹ Para uma explicação sobre o contra-laboratório ver LATOUR, 1998.

A primeira história não exige uma explicação para a racionalidade e como consequência aceita o fato ou verdade científica purificada como uma espécie de absoluto universal. A segunda história traz diferenças. Nela, se é necessário justapor os fatores sociais tais como interesses, emoções, irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia se se quer entender a propagação cientificamente inexplicável da multimistura (supostamente um “erro”), então será metodologicamente necessário que se justaponham os fatores sociais para entender como se dá a vitória dos opositores da multimistura (supostamente um “acerto”). Se os supostos erros são pouco importantes diante dos supostos acertos na primeira história da ciência e da tecnologia, já não é bem assim na segunda. Nesta, metodologicamente, devem ser apresentadas explicações simétricas para os acertos e para os erros; tanto as verdades científicas quanto os equívocos ou fraudes devem ser entendidos e explicados nos mesmos termos, isto é, pela justaposição de elementos materiais heterogêneos. Na segunda história as verdades científicas não se afirmam por si sós ou por sua própria racionalidade (científica) e tampouco os erros, descaminhos e ficções são desprovidos de sua própria racionalidade. A intensidade causal e a classificação de cada ator devem ser estabelecidas empiricamente para o caso em questão.

A segunda história é mais relativista e mais dialógica. Ao exigir que os acertos e os erros sejam explicados nos mesmos termos ela retira da verdade científica o seu privilégio epistemológico, pois enfraquece o caráter radical da diferença entre um conhecimento científico, “certo” e uma crença popular “errada”. Ao ressaltar a historicidade do fato científico ela o torna relativo.

Um limite para o relativismo?

Para o analista, sociólogo ou historiador da ciência e da tecnologia, pode aparecer aqui um limite para o relativismo. Este limite é fixado no fechamento das controvérsias científicas.¹⁰ Se entre os cientistas especializados do campo da nutrição não há controvérsia sobre as características alimentares da multimistura, então estas características são um fato científico estabilizado. Ponto. Nas palavras de Bruno Latour:

Não podemos ser mais relativistas do que os cientistas [quando eles fecham uma caixa-preta] ... e continuar negando a evidência quando ninguém mais está fazendo isto. Por quê? Porque o custo da controvérsia é alto demais para um cidadão comum, ainda que se trate de um historiador ou sociólogo da ciência. (LATOURE, 1998,p.1 66)

Mas para Clara Brandão este limite do relativismo para o historiador ou sociólogo tem uma consequência de caráter estratégico: o conhecimento científico, este poderoso inimigo, capaz não só de descrever como de criar os objetos que descreve, capaz de criar (uma versão d) a realidade, só admite diálogo com um contra-laboratório. Ele impõe as armas do duelo. As exigências de simetria podem ser um aliado, mas não são por si sós suficientemente fortes para estabelecer novos fatos científicos. Ela teria que mobilizar recursos concentrados que sejam capazes de problematizar e provocar fissuras no conhecimento científico que se estabeleceu nos laboratórios sobre as propriedades nutricionais da multimistura, criando assim fortes controvérsias

¹⁰ Ver, a este respeito, COLLINS, 1992; LATOUR, 1998.

“propriamente científicas”. Para levar adiante a luta neste campo, Clara Brandão tem diante de si uma tarefa que poderá estar bem acima de suas possibilidades, ao menos aquelas de curto prazo.

Como se desloca este tipo de limite interposto ao relativismo na segunda história? Em outras palavras, como uma terceira história pode neste caso configurar a linha de fuga do território delimitado pelo fechamento das controvérsias científicas?

Terceira história

Clara Brandão sobrevive e pode vir a vencer porque outras ontologias entram em cena e definem outros territórios onde as armas dos cientistas nutricionistas, seus poderosos inimigos, não têm o mesmo efeito. A multimistura não pode alimentar uma vez que não contém nutrientes, afirmam os nutricionistas, mas ela continua apesar disso a nutrir as crianças, dizem os leigos. Clara Brandão coleciona depoimentos de mães, parentes, amigos e voluntários participantes do programa multimistura que apresentam “evidências anedóticas”¹¹, evidências que os cientistas, quando não desqualificam completamente, desconsideram, deixando pelo menos temporariamente de lado, sem explicação.

As evidências anedóticas colocam em cena uma tensão entre o conhecimento do especialista (científico) e conhecimento do leigo de condições específicas, locais, incluindo as condições sociais, por exemplo, as condições íntimas entre mãe e filha/o que não são e na verdade não podem ser levadas em conta em avaliações gerais baseadas em circunstâncias “típicas.” “O ponto chave aqui é que o conhecimento destas condições sociais particulares precisa vir das pessoas mais intimamente envolvidas” (MOORE, STILGOE, 2009, p. 657).

As pessoas que prestam depoimentos como os que aparecem no Quadro III escolhem viver uma versão da realidade onde os efeitos das verdades laboratoriais e científicas estão afastados e, quando aparecem, não têm força mobilizadora comparável àquela que costumam ter em coletivos mais enquadrados pelos referenciais científicos. Para tratar a entrada em cena desta terceira versão de realidade lanço mão do trabalho do antropólogo Piers Vitebsky sobre os “domínios de doença e saúde, corpo, mente e alma” para propor uma correspondência explicativa entre as três histórias ou versões de realidade. Segundo ele, o artigo “Luto e melancolia” de Freud apresenta “a teoria secular mais coerente e influente dos processos mentais da perda por morte no Ocidente industrializado” (VITEBSKY, 1993, p.102).

¹¹ Podemos relacionar a evidência anedótica à noção de anomalia de Thomas Kuhn. A evidência anedótica coloca em cena uma situação nova, sem explicação na prática da “ciência normal”. É possível, mas não garantido, que os elementos trazidos pela evidência anedótica desloquem um paradigma, provocando uma “revolução científica” nos termos de Kuhn, mas “até que tal ajustamento tenha sido completado – até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de um modo diferente – o novo fato não será considerado completamente científico” (KUHN, 1969, 1992; p. 78) “Na ciência a novidade somente emerge com dificuldade(dificuldade que se manifesta através de uma resistência) contra um pano de fundo fornecido pelas expectativas” (KUHN, 1969, 1992, p.:90-91). Recentemente evidências anedóticas lograram mudar a atitude de cientistas no que diz respeito aos efeitos das ondas eletromagnéticas sobre pessoas, no caso dos telefones celulares, e não conseguiram fazer isto no caso da vacina tríplice viral (contra sarampo, caxumba e rubéola) Ver os detalhes destes casos em (MOORE, STILGOE, 2009).

A base do modelo e da prática (terapêutica) de Freud é a certeza de que a pessoa que morreu cessou de existir em um sentido ontológico profundo. A pessoa morta não é mais nenhum ser subjetivo e qualquer tentativa continuada de interagir com o morto é portanto baseada em uma ilusão. Uma pessoa desconsolada pensar que ouviu sua voz do morto, ou imaginar sua presença, etc. pode ser parte do que Freud chama de “luto normal”. Mas o “teste da realidade” deve logo convencer o desconsolado que a pessoa morta não mais existe. É o reconhecimento do “veredicto da realidade” que inicia o processo de recuperação. Se este veredicto da realidade não é aceito implanta-se um estado patológico de melancolia que é um retiro em uma psicose alucinatória dominada pelo desejo na qual a existência da pessoa morta é psiquicamente (e erradamente) prolongada em excesso. O diálogo com o psicanalista precisa após algum tempo ajudar o paciente a reconhecer este erro.

Mas, segundo Vitebsky, os Sora não vivem esta versão da realidade. Para eles os mortos continuam a existir plenamente embora tenham sido qualitativamente transformados. Onde Freud contrasta estados de mente normal e patológico na pessoa desolada, os Sora contrastam estados de mente benignos ou agressivos na pessoa morta e os localizam em várias partes distintas da paisagem. Os mortos residem nestes lugares conforme seus ânimos do momento e o vivo os encontra e se envolve com eles passando pela paisagem. Em certos aspectos ou ânimos, os mortos cuidam de seus descendentes e asseguram a continuidade da linhagem; em outros eles atacam seus descendentes e causam neles as mesmas doenças das quais morreram. O pajé provê um canal através do qual os vivos e os mortos estabelecem um diálogo. Estes diálogos acontecem em divinações, ritos de cura e funerais. Aqui os vivos e os mortos exploram os ânimos de cada um para modificá-los. Para ser curado o vivo convida os mortos que o atacam para um diálogo de modo a descobrir como os mortos se sentem sobre ele e porque eles o atacaram. O vivo então tenta persuadir os mortos para um estado de mente diferente, menos agressivo, enquanto os mortos, por sua vez, podem persuadir o vivo a mudar algo nele mesmo.

Vitebsky afirma que seria difícil – pelo menos para um antropólogo – descobrir uma meta-posição da qual poderia dizer, sem disfarce, que qualquer um destes dois entendimentos é um exemplo de ignorância. Na verdade, esta proposição parece desprovida de sentido. Como ele diz, a diferença aqui não é de fato observado, ou de evidência empírica, mas da explicação inferida:

Em suas metafísicas, os participantes de ambas as tradições parecem muito certos sobre o que eles sabem e até reforçam esta convicção através de procedimentos de verificação. Freud fala de “teste da realidade” que conduz ao “veredicto da realidade” que é que o morto “não mais existe”. Os Sora da mesma maneira têm meios de interrogar os mortos para se certificarem que eles são realmente quem eles dizem que são e não somente impostores que vieram para se regalar em um sacrifício grátis. Em ambos os casos, pode-se argumentar de fora destas crenças que elas estão erradas. O teste da realidade de Freud não testa realmente a realidade, mas sim testa proposições frente a uma noção preconcebida de realidade. Da mesma forma, toda a prática de diálogos com os mortos poderia plausivelmente (embora Vitebsky ache que superficialmente) ser interpretada na suposição que estes diálogos nada mais são do que um truque teatral.” (VITEBSKY, 1993, p.103-104)

Proponho uma correspondência entre a primeira, a segunda e a terceira histórias e respectivamente os três tipos de articulações entre as técnicas e as verdades nos “domínios de doença e saúde, corpo, mente e alma” que Vitebsky configura (VITEBSKY, 1993, p. 112):

- a) Primeira história da multimistura: formas materialistas de psiquiatria: técnica com pouco ou nenhum diálogo, corpo radicalmente separado da mente (ou cérebro);
- b) Segunda história da multimistura: psicanálise freudiana: técnica medianamente dialógica, corpo relacionado com mente, conceito de mente sem espíritos;
- c) Terceira história da multimistura: pajelança dos Sora: técnica altamente dialógica, corpo relacionado com mente (ou alma), conceito de mente (ou alma) com espíritos.

Vitebsky observa que para entender a articulação que ele faz, e portanto a correspondência explicativa que proponho, “precisamos nos afastar bastante de qualquer teoria de valor de verdade do conhecimento (para não dizer nada de ignorância) em direção a noções de adequação, conhecimento apropriado e contexto.”(VITEBSKY, 1993, p. 104)

A versão de realidade da primeira história, que limita o corpo ao espaço ontológico habitado pela entidades criadas e estabilizadas pela bioquímica no laboratório, corresponde, e isto em nada surpreende, às técnicas materialistas (biofísicas ou bioquímicas) da psiquiatria. A proposição da segunda história de entender e promover o sucesso e o fracasso da multimistura em termos de fatos científicos que se estabilizam ou não em espaços ontológicos que incluem o laboratório e a sociedade corresponde à ontologia da psicanálise freudiana que expande o ser dotando o corpo de uma mente (afetos ou alma sem espírito). Já a terceira história, que aceita pelo menos conviver com a mágica da multimistura, corresponde à pajelança dos Sora, um ritual que cria um espaço ontológico habitado por corpos e afetos ou almas com espírito, tomando a linha de fuga oferecida para escapar dos limites interpostos ao relativismo na segunda história quando ela se depara com o fechamento das controvérsias (ou enfrenta as caixas-pretas da ciência).

Na terceira versão de realidade Clara Brandão não está a priori isolada e a multimistura convive com a ciência e pode até, modificando-se, em movimento invertido, domesticá-la:

O movimento de educação popular trouxe práticas alternativas ao modelo mercantil e biologista dominante, sobretudo a partir da década de 70 ... a participação dos profissionais trouxe uma cultura de relação com as classes populares, que contribuiu para romper com a tradição autoritária e normatizadora da prática educativa. (FROTA, ALBUQUERQUE et al., 2007, p. 248 apud DIAS, 2012, p. 22).

No entanto, as evidências mais frequentes mostram que

vencer resistências dos cientistas profissionais e das instituições formais de pesquisa é difícil e demorado. Técnicas de preservação do solo conhecidas como cultivo mínimo, desenvolvidas e disseminadas por fazendeiros da região Sul do Brasil a partir de 1972, já eram adotadas em mais de 10 milhões de hectares em 1997, quando a Embrapa as validou como procedimento agrícola. (FIORAVANTI, 2010, p.:26)

Ao afastarem-se parcialmente de um compromisso preconcebido com o valor normativo e prescritível de uma verdade científica do campo da bioquímica nutricional, mesmo que estabilizada como uma caixa-preta da ciência, na terceira versão de realidade as pessoas ensaiam práticas que transbordam o enquadramento (CALLON, 1998) de um aparelho nutricional separável do restante do mundo. Desta maneira elas problematizam os fechamentos das controvérsias e procuram abrir (sem garantia de sucesso) linhas de fuga dos paradigmas científicos mais restritos e purificados dos processos nutricionais configurados nos laboratórios, onde as relações com o corpo são vistas a partir de modelos formais, em direção a concepções mais abrangentes de inclusão do corpo e da vida (por exemplo, auto-estima e magia ou encantamento) para decidir suas práticas e maneiras de mobilizar a providência.

Quadro III

"Quando eles estão por lá, ficam realizados, vivem um sonho," diz Edilene Oliveira Ferro ao referir-se à presença de meninas e meninos no programa de complementação escolar AABB Comunidade, patrocinado pela Fundação Banco do Brasil, onde se insere não só a distribuição regular da multimistura como também a inauguração de fábricas da multimistura como eventos especiais.

Uma mistura simples e milagrosa que até hoje vem salvando vidas. A multimistura salvou Tiago da Silva, hoje com 21 anos. Subnutrido, ele nasceu com apenas 900 gramas em função da falta de cuidado durante a gestação da mãe, a dona de casa Maria Aparecida da Silva. O bebê ficou internado 28 dias em um hospital de Porecatu (Norte), ... "Às vezes, as freiras nem deixavam ver, de tão mal que ele estava. Ele ficou entre a vida e a morte. Ninguém dizia que ele ia se recuperar", relembra a mãe. As freiras a que dona Maria Aparecida se refere são Ana Maria e Madre Eugênia. A partir dos seis meses, o bebê teve a multimistura adicionada ao leite e à comida e aos poucos recuperou a saúde. "Se não fosse a ajuda de Deus e da Pastoral, meu filho não teria sobrevivido", conta a mãe, orgulhosa de ter hoje um homem dentro de casa. "Quem olha para o Tiago hoje não imagina que ele quase morreu." Tiago concluiu o colegial e trabalha no setor de caldeira da Usina de Porecatu. Casado e pai de uma menina de um ano e três meses, ele hoje faz questão de dar a multimistura para a filha, como complemento na alimentação. "Sei o quanto foi importante para mim." Maria Aparecida, depois de ter o filho recuperado, começou a ajudar no trabalho da pastoral e hoje é líder de um setor. "Faço pelas outras crianças o que fizeram por ele na época em que eu precisei."

Outra jovem recuperada em Florestópolis é Edileusa Martins de Oliveira, 24 anos. Ela também foi internada com desnutrição logo que nasceu e, em estado mais grave, ficou até os três anos no Centro Nutricional. Hoje, na casa de Edileusa, que tem três filhos - João Lucas, de quatro anos, Bruna Stefane, de dois, e Bruno Ariel de seis meses -, não falta multimistura. ... São 25 anos de história e hoje, junto da nora, Márcia Michelim, que há 12 anos trabalha como apoiadora do projeto, ela passa de casa em casa, orientando as mães e acompanhando o desenvolvimento das crianças. "É um trabalho abençoado que a gente faz com muito amor."

A alimentação sustentável é associada ao "Dia da Higiene", quando todos tomam um banho reforçado e são levados a elevar a auto-estima com corte de cabelos e unhas e, para as meninas, maquiagem, manicure e pedicure.

Para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, serem atendidas por educadores e complementarem o turno escolar, três vezes por semana, com reforço escolar, oficinas de artes cênicas e plásticas, canto coral, natação e vários tipos de esporte, é uma oportunidade única.

Os participantes também acompanham o preparo das refeições, como ajudantes. É a hora de entender e aprender sobre alimentação saudável. É aqui que entra a mini-fábrica de multimistura que vai atender, além de Bom Conselho, todas as cidades pernambucanas onde funciona o AABB Comunidade. "A mini-fábrica de multimistura é operada pelos educadores e pelas mães das crianças. A matéria-prima utilizada para fazer o complemento alimentar composto é adaptada para os produtos mais comuns na região e doados pelos próprios pais e por membros da comunidade", explica o presidente do Conselho Estadual de AABBs (Cesabb), José Alexandre da Silva.

Queremos comunicar ou melhor dizer toda nossa alegria em poder trabalhar na Pastoral da Criança e para expressar isto melhor é quando vemos um sorriso de uma criança, e uma das ações da pastoral que mais me chama a atenção é a cozinha alternativa que tivemos a oportunidade de apreender com a Dra. Clara Takaki Brandão em maio/87, e através da cozinha alternativa nossas líderes que participaram começaram a dar muito mais valor a produtos nacionais, tiveram oportunidade de conhecer o farelo de trigo, o valor nutritivo das folhas verdes e como melhorar a nutrição de toda uma família principalmente criança e gestantes através da multimistura. E o melhor de tudo quase todas que tiveram o treinamento começaram suas hortas caseiras e amar a terra é entender o quanto é bonita e sadia natureza. Depois do treinamento cada uma teve um compromisso de passar para outras líderes que na época não tiveram oportunidade de estar no treinamento e assim aconteceu, líderes passando para outras líderes e líderes passando para suas respectivas mães (digo mães que estão sendo assistidas por elas) e o resultado é imediato não só na nutrição das crianças como na diminuição dos gastos domésticos (tendo por exemplo horta caseira a pessoa economiza e pode fazer a partilha com outras, assim uma valoriza o produto das outras). Mesmo que a mãe na sua dificuldade de introduzir na família algumas coisas que lhe eram estranhas como farelo de trigo (totalmente conhecido para nós como comida de animal porco) existem outras coisas como casca de banana, casca de ovo, pó da folha de mandioca. Nós da Região de São Miguel (SP) só temos que agradecer a Deus por nós ter colocado Dra. Clara em nosso caminho.

Além de todas as coisas boas que falamos as líderes nas suas confraternizações levam sempre bolo feito com farelo de trigo, farofa multimistura e outras pessoas que não fazem parte da pastoral da criança começam a se interessar e gostar, e dar valor pois saem satisfeitas e interessando-se a passar e adaptar. Tivemos recentemente a reportagem do Fantástico na qual a equipe de jornalistas no final da entrevista e gravações comeram junto conosco e não gastamos muito pois tinham 20 pessoas e só gastamos 500,00 (quinhentos cruzados) e sobrou comida para outras pessoas. O Jornal O SÃO PAULO da igreja veio até nós e lá também experimentaram a farofa e das economias que fazemos e como abolimos os produtos das multinacionais (DANONE, MUCILON, AVEIA, NESTON, FARINHA LACTEA, YAKULT) todos produtos que entravam na nossa casa como obrigação pois tínhamos na cabeça feita que criança só pode ser sadia comendo estas coisas que para trabalhador como nós é difícil a aquisição. Criança que está começando o desmame e mesmo aquela que já passou por estas fases que a mãe começa a utilizar cozinha alternativa há um crescimento muito grande parece milagre se tornam mais espertas e muito mais sadias. Nós da região sempre que podemos damos dicas no jornal GRITA POVO e para 88 cozinha alternativa entrará para todos os treinamentos que iremos realizar pois como já dissemos para nós foi um grande milagre esta descoberta.

Artigo recebido em 10/12/2011 e aprovado em 05/01/2012.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Resolução nº 53/00. Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade de Misturas à Base de Farelo de Cereais*. Secretaria de Vigilância Sanitária. D.O.U., 19 de junho de 2000.

BEAUSSET, I. *Estudio de las bases científicas para el uso de alimentos alternativos en la nutrición humana*. Brasília: Unicef, 1992. Mimeografado.

BOAVENTURA, G. T. et al. Avaliação da qualidade protéica de uma dieta estabelecida em Quissamã, Rio de Janeiro, adicionada ou não de multimistura e de pó de folha de mandioca. *Revista de Nutrição*, n. 13, p. 201-9, 2000.

BRANDÃO, Clara T. et al. Programa de nutrição em Santarém - Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PEDIATRIA, 23., 1983. *Anais...* [S.l.: s.n.], 1983d.

BRANDÃO, T. T. C.; BRANDÃO, R. F. *Alimentação alternativa*. Brasília: INAN, 1996.

CALLON, M. *The laws of the markets*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

COLLINS, H. M. *Changing order: replication and induction in scientific practice*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS/CFN. Posicionamento do Conselho Federal de nutricionistas quanto à multimistura. Brasília, fevereiro 1996. p.5. Disponível em: <http://www.cfn.org.br/novosite/conteudo.aspx?IDMenu=61>. Acesso em set/2008.

DIAS, L. R. *O conhecimento científico versus o conhecimento leigo: o caso do Programa Alimentar Multimistura*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. Programa de Pós-Graduação em Informática, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FIORAVANTI, C. H. *Fungos, instituições, máquinas e pessoas em negociação: o percurso do fármaco P-MAPA*. Campinas: Unicamp, 2010.

FROTA, M. et al. Educação popular em saúde no cuidado à criança desnutrida. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 16, n. 2, p.246-53, abr./jun. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO. Carta Circular n.04/95-P/INAN-BSB, Brasília, novembro 1995, p. 4.

KUHN, T. S. *A estrutura da revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. (Coleção debates).

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 1998.

MOORE, A.; STILGOE, J. Experts and anecdotes: the role of anecdotal evidence. *Science, Technology & Human Values*, v. 34, n. 5, p. 654-677, 2009.

TORIN, H.R., DOMENE, S.M.A, FÁRFAN, J.A. P. (1994). Informe técnico: programas emergenciais de combate a fome e o uso de sub-produtos de alimentos. Rev Ciências Médicas-PUCCAMP, Campinas

VITEBSKY, P. Is death the same everywhere?: contexts of knowing and doubting. In: HOBART, M. (Ed.). *An anthropological critique of development*. London: Routledge, 1993. p.100-115.